

SUMÁRIO

1. Intróito.....	3
2. A palavra mágica.....	7
3. Metamorfose da língua.....	21
4. Estilos de pensamento.....	34
5. Língua e visão do mundo	52



LÍNGUA E SOCIEDADE

Octavio Ianni

Deptº de Sociologia do IFCH/UNICAMP

1. INTRÓITO

A história do mundo moderno tem sido também uma história de teorias e pesquisas sobre a linguagem. Desde o Renascimento, passando por Por-Royal, a Enciclopédia, a Ilustração, o Romantismo e o “giro linguístico”, têm sido notáveis as realizações dos estudos sobre linguagem. Os desenvolvimento das literaturas nacionais e mundiais, os intercâmbios de línguas e culturas, os processos de aculturação e transculturação, o nascimento e a expansão das culturas de massa e da indústria cultural, a criação e a difusão de tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas, tudo isso tem propiciado o surgimento de disciplinas e teorias, tanto quanto de hipóteses e controvérsias, sobre os mais diversos aspectos da linguagem. São muitos os momentos da história dos tempos modernos envolvendo desafios ou conquistas fun-

damentais sobre as implicações da linguagem na organização, dinâmica, crise ou transformação da sociedade, em âmbito nacional, internacional e mundial. Algumas expressões tornam-se emblemáticas e aparecem como momentos marcantes da dinâmica das sociedades e dos dilemas do pensamento. Estas são algumas: Novo Mundo, Ocidente, Oriente, África, Mercantilismo, Colonialismo, Imperialismo, Globalismo, Nacionalismo, Tribalismo, Trabalho Escrevo, Trabalho Livre, Escravo e Senhor, Alienação e Revolução. E estas podem ser outras: Palavras, palavras, palavras. Penso, logo existo. Imperativo categórico. Quando as sombras da noite começam a cair é que levanta vôo o pássaro de Minerva. Tudo que é sólido desmancha no ar. Desencantamento do mundo. Modernidade. Pós-Modernidade. São expressões, dentre muitas outras, nas quais se sintetizam inquietações, realizações, explicações, ilusões e alucinações. Há épocas nas quais os problemas da linguagem adquirem especial relevância, não só para lingüístas e filósofos, mas também para escritores e cientistas sociais, É como se ela se revelasse inesperadamente enigmática. Em geral, são problemas relativos às características de linguagem enquanto um todo vivo e em movimento, compreendendo signos, símbolos e emblemas, bem como figuras e figurações; e relativos às suas implicações sócio-culturais e civilizatórias.

É muito sistemático que houve uma época na qual Rousseau, Herder e W. Humboldt, entre outros pensadores, debruçaram-se sobre as origens, as funções, as características e as implicações sócio-culturais e civilizatórias da linguagem. Essa é uma época em que se intensifica o debate filosófico, abrem-se novos horizontes à literatura e desenvolvem-se novas reflexões sobre a realidade histórico-social nacional e mundial. Estão em curso a “era das revoluções” e as guerras

napoleônicas, compreendendo inclusive a descolonização de uma parte das Américas. Reabrem-se debates sobre territórios e fronteiras, povos e nações, diversidades sócio-culturais e político-econômicas, língua e religiões, nacionalismo colonialismo, culturas e civilizações.

No curso do século vinte, outra vez acentuam-se e generalizam-se as preocupações com a linguagem, envolvendo novos problemas; além dos anteriores, recolocados em novos termos. Em uma fórmula mais ou menos sacramentada, esse é o século em que se dá o “giro lingüístico”, tal a importância e a influência dos problemas de linguagem, com os quais se defrontam a filosofia, a literatura e as ciências sociais. São notáveis as questões postas e repostas, consensuais e polêmicas, novas e antigas, especulativas e experimentais, sobre as quais debruçam-se uns e outros: língua e fala, código e mensagem, comunicação e informação, signo e semiótica, ícone, índice e símbolo, gramaticalização, cibernética e informática, sociolinguística, etnolinguística, texto e contexto, texto e intertexto, metatexto e metanarrativa, Babel, Biblioteca de Babel.¹

Talvez se possa dizer que o século vinte é todo ele particularmente problemático. Está atravessado por rupturas históricas e controversias apistemológicas. São transformações que abalam os quadros sociais e mentais de referência, produzindo obsolescências, exigindo reformulações e abrindo novos horizontes para o pensamento de uns e outros, em todo mundo.

Quando se multiplicam as controversias, povoadas não só de interrogações mas também de perspectivas inesperadas e inovadoras,

¹ Richard M. Rorty (Editor), *The Linguistic Turn* (Recent Essays in Philosophical Method), The University of Chicago Press, Chicago, 1988. Julia Kristeva, *História da Linguagem*, trad. de Maria Margarida Barahona, Edições 70, Lisboa, 1980.

muitos são levados a debruçar-se sobre as implicações histórico-sociais e civilizatórias da linguagem. Trata-se de refletir sobre os segredos da língua e dialeto, signo, símbolo e emblema, metáfora e conceito, texto e contexto, mimesis, narrativa e metanarrativa, tradução e transculturação, língua nacional e língua global. Outra vez, recoloca-se o desafio de refletir sobre as condições e as possibilidades do contraponto linguagem e sociedade.

Quando se forma a sociedade mundial, na esteira da globalização do capitalismo, visto como modo de produção e processo civilizatório, recoloca-se o contraponto linguagem e sociedade, com todas as suas implicações.

2. A PALAVRA MÁGICA

A língua é, simultaneamente, produto e condição da vida social. Os trabalhos e os dias de uns e outros, indivíduos e coletividades, no longo da história, propiciam a criação e a recriação de signos significados, figuras e figurações, harmonias e cacofonias, monólogos e polifonias, sem os quais não existem nem as formas de sociabilidade nem a língua. O mesmo processo de produção e reprodução da vida social, compreende a produção e reprodução das coisas, gentes e idéias, toda uma multiplicidade de signos e significados, transparências e opacidades, sonoridades e estridências.

Em todas as configurações histórico-sociais de vida, trabalho e cultura, a língua revela-se produto e condições das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais. Tanto no nacionalismo e tribalismo, como no mercantilismo, colonialismo, imperialismo e globalismo, os signos e os significados, as figuras e as figurações da linguagem revelam-se constitutivas da realidade, das condições e possibilidades sócio-culturais e político-econômica de indivíduos e coletividades. É a língua que se constitui como o patamar da história, o sistema de signos por meio do qual se pronunciam o presente, o passado e o futuro, a história e a geografia, as tradições e as premonições, os santos e os heróis, as façanhas e as derrotas, os monumentos e as ruínas. Esse o horizonte a partir do qual se desenham, taquigrafam ou inventam o Novo Mundo e o Velho Mundo, o Oriente e o Ocidente, o Islamismo e o Cristianismo, o Capitalismo e o Comunismo; assim como a Muralha da China e o Taj Mahal, as Pirâmides do Egito e o Parthenon, a Revolução Industrial Inglesa e a Revolução Francesa, a Primeira Grande Guerra Mundial e a Segunda Grande Guerra Mundial, a des-

colonização na África e Ásia e a Revolução chinesa, a Revolução Cubana e a Guerra do Vietnã, a Revolução Soviética e a queda do Muro de Berlim, a Aldeia Global e a Globalização, o planeta Terra e o Fim da História. São signos, símbolos e emblemas, ou sínteses e taquigrafias, por meio dos quais se desenham ou inventam configurações histórico-sociais de vida, trabalho e cultura, bem como movimentos, harmonias, tensões, fusões, e contradições, atravessando a palavra e a língua, a linguagem e o pensamento, a explicação e a fabulação.

A cultura é o universo no qual se constitui a língua, sob todas as suas modalidades; assim como a língua entra decisivamente na constituição da cultura. No âmago das formas de sociabilidade e do jogo das forças sociais, enquanto componentes constitutivos e dinâmicos das configurações histórico-sociais de vida, trabalho e cultura, produzem-se e reproduzem-se as mais diversas criações, dentre as quais destacam-se a língua, a religião, a arte, a filosofia e a ciência, em suas múltiplas expressões “eruditas” e “populares”; sendo que a língua se constitui como a meditação principal, por intermédio da qual as outras criações se expressam, movem, transformam.

Cabe reconhecer, como fundamento da origem e destino da língua, que ela começa por ser e desenvolver-se como espírito objetivado, como produto e condições da praxis social, como realização da criatividade de indivíduos e coletividades. Assim como as outras formas culturais, tais como religião, arte, filosofia e ciência, a língua expressa, sintetiza, decanta, constitui e desenvolve as mais diversas realizações materiais e espirituais, sem as quais a sociedade não se constitui, enquanto formas de sociabilidade e jogos de forças sociais, no âmbito de configurações histórico-sociais de vida, trabalho e cultura.

“A linguagem é tão velha como a consciência: a linguagem é a consciência prática, a consciência real, que existe também para os outros homens e que, portanto, começa a existir também para mim mesmo; e a linguagem nasce, como consciência, da necessidade, das exigências do intercâmbio com os outros homens... A consciência, portanto, é desde o início, um produto social e continuará a se-lo enquanto existirem seres humanos”²

Mais uma vez, cabe lembrar que o que distingue o ser humano, é que ele pensa, mentaliza, fabula ou mitifica a sua atividade, real e imaginária, presente, passada e futura. A sua atividade social, em âmbito individual e coletivo, está sempre expressa em signos, símbolos e emblemas, compreendendo narrativas orais, escritas, pensadas e imaginadas. Portanto, o pensamento é ele também produto e condição da língua, assim como das outras formas culturais. Também ele se constitui no mesmo curso da praxis social, quando as atividades se objetivam, cristalizam, tensionam ou explodem em criações culturais. A língua é uma dessas explosões, sem a qual o mundo se revela carente de nome, conceito, inteligência, explicação, fantasia e mito.

No princípio, tudo está em repouso, em silêncio, quieto, carente de som e fúria.

“Esta é a relação de como tudo estava em suspenso, tudo em calma, em silêncio; tudo imóvel, calado, e vazia a extensão do céu. Esta é a primeira relação, o primeiro discurso. Não havia ainda um homem, nem um animal, pássaros, peixes, caranguejos, árvores, pedras, cavernas, barrancos, ervas nem bosques: só o céu existia. Não se manifestava a face da terra. Só estavam o mar

² Karl Marx e Friedrich Engels, *La Ideologia Alemana*, trad. de Wenceslao Roces, Ediciones Pueblos Unidos, Montevideo, 1958, p. 30

em calma e o céu em toda a sua extensão. Não havia nada junto, que fizesse ruído, nem coisa alguma que se movesse, nem agitasse, nem fizesse ruído no céu. Não havia nada que estivesse em pé; só a água em repouso, o mar manso, só, tranqüilo. Não havia nada dotado de existência”³

No primeiro instante, primordial e seminal, nada tem nome. Tudo está no limbo, como em uma nebulosa informe, ela mesma inominada. “O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo”.⁴

Aos poucos, no longo do tempo e conforme a dinâmica das configurações histórico-sociais, tudo tende a adquirir nome, movimento, tensão e significado, ou vida. O nome, o conceito ou a metáfora, pode ser um momento essencial, constitutivo, sem o qual nada se configura como existência, ser, devir. É como se a nebulosa primordial e seminal adquirisse forma, cor, som e movimento.

A rigor, é imprescindível saber o nome das coisas, seres, gentes, noções, conceitos, fantasias, mitos. Esse pode ser um momento indispensável para que um e outro se constituam, como relações de reciprocidade, integração, tensão, antagonismo e transformação. Quando se desconhece o nome das coisas, compreendendo os seus nexos e as suas articulações, subsiste a indeterminação, a incerteza. É como se a nebulosa primordial subsistisse escondida no que se vê, ouve, sente, pensa, imagina.

³ *Popol Vuh* (Las Antigas Historias del Quiché), trad. de Adrián Recinos, Fondo de Cultura Económica, México, 1984, p. 85.

⁴ Gabriel Garcia Márquez, *Cem Anos de Solidão*, trad. de Eliane Zagury, 20^a. Edição, Editora Recor, Rio de Janeiro, s/d, p. 7.

“Recém-chegado e ignorando completamente as línguas do Levante, Marco Polo não podia se exprimir de outra maneira senão com gestos, saltos, gritos de maravilha e de horror, latidos e vozes de animais, ou com objetos que ia extraindo dos alforjes: plumas de avestruz, zarabatanas e quartzos, que dispunha diante de si como peças de xadrez. Ao retornar das missões designadas por Kublai, o engenhoso estrangeiro improvisava pantonimas que o soberano precisava interpretar: uma cidade era assinalada pelo salto de um peixe que escapava do bico de um cormorão para cair numa rede, outra cidade por um homem nu que atravessava o fogo sem se queimar, uma terceira por um crânio que mordida entre os dentes verdes de mofo uma pérola alva e redonda. O Grande Khan decifrava os símbolos, porém a relação entre estes e os lugares visitados restava incerta: nunca sabia se Marco queria representar uma aventura ocorrida durante a viagem, uma façanha do fundador da cidade, a profecia de um astrólogo, um rébus ou uma charada para indicar um nome. Mas, fosse evidente ou obscuro, tudo o que Marco mostrava tinha o poder dos emblemas, que uma vez vistos não podem ser esquecidos ou confundidos. Na mente do Khan, o império correspondia a um deserto de dados lábeis e intercambiáveis, como grãos de areia que formavam, para cada cidade e província, as figuras evocadas pelos logogrifos do veneziano”.⁵

Há momentos em que a língua emudece, seja porque não há o que dizer, seja porque nada é necessário dizer ou, ainda porque não há como dizer. É como se a palavra não tivesse disponível, não fosse capaz de exprimir o indizível, não estivesse ainda sido inventada, ou fosse totalmente dispensável. Esses são momentos nos quais a linguagem vive situações extremas, tensas, dilacerantes, misteriosa, mágicas,

⁵ Italo Calvino, *As Cidades Invisíveis*, trad. de Diogo Mainardi, Companhia das Letras, São Paulo, 1990, pp. 25-26.

reveladoras, heurísticas. São momentos nos quais ninguém encontra o que dizer, seja letrado ou não letrado, escritor ou cientista, filósofo ou profeta. Não se encontra a palavra, o nome, o signo, o símbolo, o emblema, a figura ou a figuração. É como se nada fosse capaz de dar conta do desconhecido, inesperado, surpreendente.

“No mundo há muitos silêncios: quando se estuda, dorme, está quieto ou inclusive quando se é surdo. O silêncio de quem ouve Bach ou lê um livro de poesia. O silêncio de como está agora a lua. O silêncio da morte. O silêncios da solidão, do medo, da dor, da raiva, da tristeza, da melancolia. Os silêncios que existem podem ser infinitos, como os silêncios extremos de quem está fechado em si mesmo e o silêncio do amor. O silêncio de quem quer sentir em si a música e a poesia”.⁶

São muitos os silêncios que povoam o planeta: o ermo do páramo, o segredo da longa duração, o mistério da palavra rolando na imaginação, a memória rebuscando o esquecimento, o silêncio da multidão.

São silêncios com os quais convivem uns e outros, indivíduos e coletividades, multidões e solitários. Não são previsíveis. Podem suceder inesperadamente. Irrompem de-repente na vida das pessoas, na trama das relações sociais, parализando imaginários e sentimentos, sonhos e devaneios, pensamentos e movimentos.

Sim, a própria palavra está em silêncio, antes de transfigurar-se em pensamentos ou imaginação, sentimento ou ação, entendimento ou

⁶ Danilo Dolci, “Quali Diversi Silenzi possono Existire?“, in *Chissa se i Pesci Piangono* (Documentazione di un’Esperienza Educativa, Einaudi, Torino, 1973, pp. 126-128. Citado por L. M. Lombardi Satriani, *Il Silenzio, la Memoria e lo Sguardo*, Sellerio Editore, Palermo, 1979, pp. 15-16.

compreensão, utopia ou nostalgia. É como se estivesse erma de forma e movimento, som e sentido. Aguarda, em silêncio, o esclarecimento, a revelação, o deslumbramento.

“Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Então paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuro. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consuma
com seu poder de palavra e
seu poder de silêncio. (...)
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Repara:
êrmas de melodia e conceito,
elas se refugiaram na noite, as palavras”.⁷

O mistério da palavra, assim como da narrativa, esconde-se tanto no autor como no leitor, da mesma forma que no texto e no contexto. Suspensas no ar, vistas em si, a palavra e a narrativa resultam abstratas. Permitem muitos jogos de linguagens, podem ser colocadas em diferentes arranjos, desdobram-se em signos, ou íconas, índices e sím-

⁷ Carlos Drumond de Andrade, *Antologia Poética*, 7ª. Edição, Edições Sabiá, Rio de Janeiro, 1973, pp. 197-198. Citação do poema “Procura da Poesia”, pp. 196-198.

bolos, como em um caleidoscópio sem fim. Há um momento, no entanto, em que se revelam vazias, êrmas de som e sentido. Sejam quais forem as palavras, metáforas e conceitos, ou figura e figurações, em narrativas literárias, científicas e filosóficas, o seu mistério sempre carece de alguma referência. Todas as narrativas, com as suas figuras e figurações, ressoam alguma forma de vivência, que pode ser presente, passada ou futura, individual ou coletiva, real ou imaginária. São sempre partes constitutivas do pensamento e da realidade, dos sentimentos e das fantasias. O mistério e o milagre da narrativa sempre levam consigo algo ou muito da experiência, próxima ou remota, real ou imaginária, própria ou vicária. No limite, é na experiência que se escondem algumas das possibilidades no pensamento e do sentimento, da compreensão e da explicação, da intuição e da fabulação, que se transfiguram, exorcizam, sublimam, clarificam ou enlouquecem em palavras e narrativas.

“Para escrever um verso, é necessário ver muitas cidades, homens e coisas; é necessário conhecer os animais, sentir como voam os pássaros e conhecer os movimentos com os quais as flores se abrem pela manhã. É necessário pensar de novo nos caminhos das paragens desconhecidas, em encontros inesperados e em despedidas que pareciam estender-se por longo tempo... É necessário ter recordações... mas não é suficiente ter recordações. É preciso esquecer, quando são muitas e é necessário ter muita paciência para esperar que voltem. Porque as próprias recordações não são ainda poesia. Somente quando se tornam sangue, olhar e gesto, sem nome e já sem que se consiga diferencia-las de nós mesmos, só então pode suceder que, em um momento muito especial, surja a primeira palavra de um verso no meio delas e a partir delas”.⁸

⁸ Rilke, *Teoria Poética*, trad. De Federico Bermúdez-Cañete, Ediciones Júcar, Barcelona, 1987, pp. 210-211. Citação de “Los Apuntes de Malte Laurids Brigge (1910)”, pp. 210-215.

A palavra pode ser, simultaneamente, erma e plena de sentidos, dependendo do modo pelo qual é escrita ou falada, bem como lida ou ouvida. Em geral, no entanto, leva consigo muita experiência, toda uma existência. Nenhuma palavra flutua solta no espaço e no tempo, solitária, carente. Tanto se articula com outras como se enraiza mais ou menos densamente na vida de uns e outros, leitores e ouvintes, escritores e oradores. Esse é o desafio proposto à exegese, paleografia, filologia ou hermenêutica: desvendar os múltiplos significados presentes e possíveis, atuais e remotos, literais e metafóricos, escondidos na palavra empenhada em desprender-se do limbo.

Sim, a palavra não existe em si, como se fora um signo auto-suficiente, que subsiste independente. Ela se forma, conforma e transforma na trama das relações sociais, umas vezes visíveis, evidentes e transparentes, outras implícitas, encobertas ou escondidas. Situa-se no contraponto das relações, nas quais entram não só quem escreve ou fala e quem lê ou ouve, mas também os muitos, indivíduos e coletividades, que compõem toda uma ampla e intrincada teia de formas de sociabilidade e jogos de forças sociais.

“As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica

nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais”.⁹

A palavra, a linguagem e a narrativa, sob todas as suas formas, podem ser ecos de harmonias e cacofonias produzidas no âmbito das formas de sociedade e dos jogos das forças sociais. Em alguns casos, podem ser ecos de configurações histórico-sociais de vida, trabalho e cultura. Nesse sentido é que alguns signos, símbolos e emblemas, ou metáforas e conceitos, podem configurar modos de ser, estilos, épocas ou visões do mundo. Daí a magia de expressões tais como Gengis Khan, Marco Polo, Alexandre Magno, Colombo, Napoleão; ou Hamlet, Dom Quixote, Fausto, Mefistofeles, Madame Bovary, Josef K., Godot; ou ainda, orientalismo, africanismo, ocidentalismo, comunismo.

Aos poucos, no longo do tempo e conforme a dinâmica das configurações histórico-sociais de vida, trabalho e cultura, tudo tende a adquirir nome, movimento, tensão mistério e significado. O nome, o conceito ou a metáfora, pode ser um momento essencial, constitutivo, sem o qual nada se configura como existência, ser, devir. É como se o planeta ou a nebulosa primordial e seminal adquirisse forma, cor, som e movimento.

“Todo o universo visível não é senão um depósito de imagens e de signos aos quais a imaginação conferirá um lugar e um valor relativos; é uma espécie de alimento que a imaginação deve digerir e transformar”.¹⁰

⁹ Mikhail Bakhtin (Volochínov), *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, trad. De Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, 2ª. edição, Editora Hucitec, São Paulo, 1981, p. 41.

¹⁰ Charles Baudelaire, *Art Romantique* (Estudo sobre Delacroix) citado por Marcel-Raymond, *De Baudelaire ao Surrealismo*, trad. de Fúlvia M. L. Moretto e Gaucira Marcondes Machado, Edusp, São Paulo, 1997, p. 19.

Em todos os casos, estão em causa a magia da palavra, o mistério do signo, o esclarecimento do conceito, o deslumbramento da metáfora. Estão em causa os contrapontos língua e sociedade, realidade e representação, mimesis, explicação e ficção, imaginação e mitificação, tanto quanto exorcismo e sublimação, fantasia e avasão ou razão e danoção.

“Como o Deus do primeiro versículo da Bíblia, cada escritor cria um mundo. Essa criação, diferente da divina, não é exnihilo; surge da memória, do esquecimento que é parte da memória, da literatura anterior, dos hábitos de uma língua e, essencialmente, da imaginação e da paixão”.¹¹

São muitas as narrativas empenhadas em povoar a nebulosa, o mundo real ou imaginário com figuras e figurações por meio das quais a sociedade tanto se reconhece como se estranha. A maior parte das narrativas, literárias, científicas e filosóficas, empenha-se em compreender, explicar, sublimar ou exorcizar a realidade. O estilo da narrativa pode ser realista ou expressionista, monográfico ou ensaístico, mas em geral está em causa a reinvenção de tudo o que parece ser a realidade.

“A linguagem é o arsenal da mente humana; e contém ao mesmo tempo os troféus do seu passado e as armas das suas futuras conquistas”.¹²

¹¹ Jorge Luis Borges, “A Prosa de Silvina Ocampo”, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 de abril de 1986, p. 112.

¹² Samuel Taylor Coleridge, *Biographia Literaria*, cap. 16 em *Selected Poetry and Prose of Coleridge*, ed. Donald A. Stauffer, Random House, Nova York, 1951, pp. 276-7. Citado por Edward W. Said, *Orientalismo* (O Oriente como Invenção do Ocidente), trad. de Tomás Rosa Bueno, Companhia das Letras, São Paulo, 1990, p. 145.

Sim, cabe reconhecer que a realidade social não é evidente; muito menos transparente. Em geral, revela-se intrincada, contraditória, opaca ou mesmo infinita, dadas as múltiplas e complexas articulações e hierarquias de nexos sócio-culturais, político-econômicos e psico-sociais que a constituem.

Diante da complexidade e da envergadura dos desafios postos pela realidade social ao pensamento, este é levado a desenvolver várias formas de taquigrafa-la. A maioria das narrativas, literárias, científicas e filosóficas, está impregnada de figuras e figurações de linguagem, muitas das quais empenhadas em taquigrafar a complexidade, o contraditório, a opacidade ou o infinito do que parece ser a realidade. Dentre essas figuras e figurações, destacam-se as metáforas e as alegorias, tanto quando os conceitos e as categorias.

Há uma “figura” de linguagem que tem estado presente em muitas narrativas, compreendendo as literárias, científicas e filosóficas. Trata-se de “personagens” nascidos aparentemente ao acaso da reflexão e imaginação do narrador, mas que aos poucos adquire os contornos de emblemas, tipos ou figuras mais ou menos marcantes. Alguns terminam por constituir-se como verdadeiros mitos, como se sintetizassem, sublimassem e exorcizassem muito do que são as inquietações, os dilemas, as aflições e as ilusões de indivíduos e coletividades. Esse pode ser o significado predominante de Ulisses, Prometeu, Hamlet, Dom Quixote, Fausto, Mefistofeles, Madame Bovary, Josef K., O Homem Sem Qualidades, Godot e outros. Em termos diferentes, trabalhando muito mais o conceito, a categoria ou a explicação, as ciências sociais e a filosofia também constroem tipos mais ou menos emblemáticos: o Príncipe, o Bom Selvagem, Zaratustra, o Operário e o Burguês, o Escravo e o Senhor, o Colonizado e o Colonizador, o Bo-

napartismo, a Renascença, a Ilustração, a Revolução, a Modernidade, a Pós-Modernidade. Esse e outros são tipos ou mitos, isto é, tipologias, povoando a cultura e o imaginário dos tempos modernos. São figuras e figurações, tipos, mitos ou tipologias, por meio dos quais as narrativas taquigrafam a realidade, a despeito de intrincada, complexa, contraditória, difícil, opaca e infinita.

“Robinson Crusoe alinha-se naturalmente com os grandes mitos da civilização ocidental, com Fausto, dom Juan e dom Quixote. Todos eles procuram obstinadamente concretizar um dos desejos característicos do homem ocidental. Cada um encarna uma *arete* e uma *hubris* – um valor excepcional e um excesso vicioso – em esferas de ação particularmente importantes em nossa cultura. Dom Quixote tem a impetuosa generosidade e a obsessão restritiva do idealismo cavaleiresco; dom Juan procura e ao mesmo tempo se atormenta com a idéia da ilimitada experiência com as mulheres; Fausto, o grande sábio, jamais satisfaz sua curiosidade e por isso é condenado. Naturalmente Crusoe negaria sua afinidade com tais personagens; estas são criaturas excepcionais, enquanto qualquer um faria o que ele fez nas circunstâncias dadas. Contudo Crusoe também possui um valor excepcional: é auto-suficiente, E tem um excesso: o egocentrismo exagerado condena-o à solidão, onde quer que esteja. Pode-se argumentar que ele é obrigado a ser egocêntrico, pois se vê abandonado numa ilha. Mas também deve-se admitir que anda procurando seu destino e que a ilha lhe proporciona a oportunidade única de concretizar o grande anseio da civilização moderna: a absoluta liberdade econômica, social e intelectual do indivíduo”.¹³

¹³ Ian Watt, *A Ascensão do Romance* (Estudos sobre Defoe, Richard so e Fielding), trad. de Hildegard Feist, Companhia das Letras, São Paulo, 1990, p. 77. Consultar também: Ian Watt, *Mitos do Individualismo Moderna* (Fausto, Dom Quixote, Dom

Vale a pena refletir sobre as metamorfoses, as sublimações e os exorcismos que povoam o mundo da cultura e alimentam as narrativas, impregnando a realidade, a experiência e a imaginação.

Há toda uma gama de articulações e desdobramentos nos quais se inserem as metamorfoses do que pode ser a realidade socio-cultural, compreendendo a palavra, a linguagem e a narrativa, em suas muitas modulações. É aí que se criam e movimentam, dissolvem e reaparecem, permanecem e transfiguram os signos, símbolos e emblemas, tanto quanto as figuras e figurações, metáforas e alegorias, conceitos e categorias, tipos e tipologias.

“O planeta é um mundo imaginário inventado por uma seita secreta que age como um escritor coletivo”.¹⁴

Juan, Robinson Crusoe), trad. de Mario Pontes, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1997.

¹⁴ Beatriz Sarlo, *Borges, Un Escritor en las Orillas*, Ariel, Buenos Aires, 1995, p. 159.

3- METAMORFOSES DA LÍNGUA

De quando em quando, na história e na lenda dos povos e civilizações, embaralham-se as línguas e as linguagens, os signos, os símbolos e os emblemas, os conceitos e as metáforas. Confundem-se as estações, os dias e as noites, o futuro e o passado, a utopia e a nostalgia. Quando se abalam os quadros sociais e mentais de referência, embaralham-se os territórios e as fronteiras, as nações e as nacionalidades, as línguas e as religiões, as culturas e as civilizações. Esse o clima em que se torna necessário e urgente dar-se conta de que a linguagem é um momento essencial da cultura e da sublimação.

Babel pode ser tanto a alegoria que institui a multiplicidade das línguas como também e simultaneamente a multiplicidade das civilizações. Uma alegoria primordial e seminal, na qual se escondem e revelam as línguas de cada uma e todas as civilizações. É como se Babel fosse o primeiro e único livro, do qual todos derivam, como fragmentos, complementos, excursos, apêndices, esclarecimentos e obscurcimentos. Desde Babel constroi-se a imensa biblioteca que constitui o mundo do pensamento e da fantasia, da realidade e imaginação, da compreensão e explicação, da utopia, nostalgia e escatologia, como arte, ciência e filosofia.

No princípio, todos viviam em comunidade e solidariedade. Estavam tão integrados, mobilizados e organizados, que decidiram construir a Torre de Babel. Queriam desenvolver ainda mais a comunhão e a comunicação, realizando a utopia da transparência, integrando singularidade e universalidade. O céu, ou Deus, era a metáfora da universalidade escondida em cada um e todos. De repente, tudo se confunde, todos se desentendem. Embaralham-se as estações, os dias e

as noites, o dito e a desdita. O trabalho não se concretiza em emancipação.

Sim, o caos babélico parece estar sempre à espreita, escondido por dentro da utopia de Babel. De permeio às línguas e aos dialetos, aos códigos estabelecidos e aos emergentes, às línguas nacionais e às mundiais, palpitam tensões, incompreensões, anacronismo, estranhamentos e inovações. Questionam-se os códigos que pareciam estabelecidos, as línguas nacionais são recobertas pelas mundiais, os dialetos são remobilizados para conquistar cidadania nacional, conceitos e metáforas embaralham-se, o nome das coisas se desvanece sob os muitos nomes e outros idiomas, confundem-se o dito e a desdita, abalam-se as bases sociais e mentais de referência de uns e outros, em todo mundo.

Esse o cenário no qual proliferam as linguagens de todos os tipos, tanto as que se havia iniciado com Gutenberg como as que se iniciam com McLuhan. Em poucas décadas, desde meados do século vinte, as linguagens eletrônicas, informática, internéticas, virtuais ou pós-modernas multiplicam-se e predominam. Em poucas décadas, todas as formas de literalidade e oralidade, compreendendo a aula, o discurso do poder, a conversão, o entretenimento, a comunicação, a informação, a mídia, o livro, a revista, o jornal são desafiados pela imagem, o video-clip, o hipertexto, o cibertexto, a multimídia. Em pouco tempo, a palavra, enquanto signo da modernidade, é recoberta pela imagem, enquanto signo da pós-modernidade.

Esse é o clima no qual se multiplicam e generalizam as técnicas baseadas na eletrônica, informática e cibernética: o banco de dados com capacidade muitíssima maior do que tudo o que se havia alcançado com os recursos baseados na imprensa; a tradução automática,

compreendendo a maioria das línguas e com possibilidades de se entender a todas, vivas ou extintas; o museu eletrônico, combinando informação, sonoridade, colorido, forma e movimento de signos, símbolos, emblemas e mitos de diferentes épocas e regiões, culturas e civilizações; a inteligência artificial, compreendendo a possibilidade de processamento de informações e elaboração de proposta por parte do computador mais ou menos sofisticado; a estética eletrônica, com a qual se abrem outras e novas possibilidades de criações plásticas, sonoras e de movimentos, impossíveis ao comum dos mortais pelos meios produzidos com as linguagens da modernidade.

Dentre os vários e fundamentais problemas colocados pelo florescimento e generalização das linguagens virtuais propiciadas pela eletrônica informática e cibernética, logo sobressai o dilema: pode o computador pensar? São muitos os que estão engajados nesse dilema, seja porque formulam resposta, seja porque formulam outras e novas interrogações. Esse é um dilema que continuará em aberto, como muitos outros que se colocam na longa história do contraponto pensamento e linguagem, em seus múltiplos sentidos.

Cabe ressaltar, no entanto, o argumento de que é a mente humana que formula e modifica o signo, símbolo ou emblema. O conteúdo e o significado, a denotação e a conotação, a figura e a figuração organizam-se e alteram-se conforme o engenho da mente. O pensamento tanto cria e recria como modifica e transfigura semântica e sintaticamente a linguagem.

“Uma regra típica de computador determinará que quando uma máquina está em certo estado e tem um certo símbolo em seu programa, então realizará certas operações, tais como apagar o

símbolo ou escrever outro... Mas os símbolos não têm nenhum significado, não têm nenhum conteúdo semântico, não se referem a nada... Ter uma mente é algo mais do que ter processos formais ou sintáticos. Nossos estados mentais internos têm, por definição, certos tipos de conteúdos... A razão pela qual um programa de computador não pode jamais ser uma mente é simplesmente que um programa de computador é somente sintático e as mentes são mais do que sintáticas. As mentes são semânticas, no sentido de que têm algo mais do que uma estrutura formal: têm um conteúdo”.¹⁵

Esse argumento envolve aspectos importantes e difíceis dos contrapontos linguagem e pensamento, ciência e técnica, criação e reprodução. São dilemas com implicações epistemológicas evidentes, diante dos quais continuam a formular-se explicações e interrogações.

“Os computadores podem ser altamente vantajosos para canalizar uma grande quantidade de informação através de programas científicos e técnicos. Mas, mesmo nesse caso, devemos ter em mente que há idéias fundamentais de tipo não matemático (podemos chamá-las de insights ou, talvez, de artigo de fé) que governam todo o pensamento científico... Quase toda ciência moderna foi desenvolvida a partir de uma série de idéias metafísicas e estéticas como: o universo consiste de matéria em movimento (Descartes); a natureza é governada por leis universais (Newton); conhecimento é poder (Bacon). Nenhuma dessas idéias é uma conclusão adquirida através de pesquisas científicas; nenhuma delas é o resultado de processamento de informações. Pelo contrário, são premissas que tornam possível a pesquisa científica e

¹⁵ John Searle, *Mentes, Cerebros y Ciencia*, trad. de Luis Valdés, Ediciones Catedra, Madrid, 1985, pp. 36=37. Citação do cap. 2: “Pueden los Computadores Penar?”, pp.33-48.

conduzem à descoberta de dados seguros. Novamente, são idéias-mestras sobre o mundo, e, enquanto tais, transcendem a informação. Elas emergem de uma outra dimensão da mente, de uma capacidade para *insights* que talvez tenha afinidade com o poder artístico e inspiração religiosa”.¹⁶

Em larga medida, as linguagens eletrônicas, informáticas e cibernéticas são linguagens técnicas, instrumentais, pragmáticas. Têm sido mobilizadas no âmbito de organizações públicas e privadas, nacionais, regionais e mundiais, de modo a propiciar a operação, expansão e gestão de empreendimentos econômicos, financeiros, militares, políticos, culturais e outros. Também igrejas e organizações religiosas tornaram-se eletrônicas, informáticas e cibernéticas, da mesma forma que universidades, bibliotecas, museus, editoras, agências governamentais, organizações multilaterais e corporações transnacionais.

Esse pode ser o cenário no qual se instala e difunde a crise da palavra. Juntamente com a transformação dos quadros sociais e mentais de referência, no âmbito da vasta ruptura histórica em curso no século vinte, instala-se e generaliza-se a crise da palavra. Em poucas décadas, predominam a realidade virtual, o video-clip, o hipertexto, o ciberespaço, a inteligência artificial, a estética eletrônica e outras realizações eletrônicas, informática e cibernéticas.

“A linguagens da empresa é por definição uma linguagem puramente comunicativa: os ‘lugares’ onde é produzida são aqueles onde a ciência é ‘aplicada’, isto é, lugares do pragmatismo puro.

¹⁶ Theodore Roazak, *O Culto da Informação*, trad. de José Luiz Aïdar, Editora Brasiliense, São Paulo, 1988, pp. 175-177. Consultar também: Pierre Levy, *La Machine Univerve* (Création, Cognition et Culture Informatique), Editions La Découverte, Paris, 1987.

Os técnicos usam entre si um jargão especializado, é claro, mas numa função estritamente, rigidamente comunicativa. O padrão linguístico que vigora *dentro* da fábrica tende a se expandir também para fora: é claro que aqueles que produzem querem manter com aqueles que consomem uma relação de negócios absolutamente clara. Existe apenas um caso de expressividade – mas de expressividade aberrante – na linguagem puramente comunicativa da indústria: é o caso do *slogan*. De fato, para impressionar e convencer, o *slogan* deve ser expressivo. Mas sua expressividade é monstruosa porque se torna imediatamente estereotipada e se fixa numa rigidez que é o contrário da expressividade, que é eternamente mutável e se oferece a uma interpretação infinita. A falsa expressividade do *slogan* é assim o ponto extremo da língua técnica que substitui a língua humanista. É o símbolo da vida linguística do futuro, isto é, de um mundo inexpressivo, sem particularismos nem diversidade de culturas, perfeitamente padronizado e aculturado (...) Nenhum centralismo fascista conseguiu fazer o que fez o centralismo da sociedade de consumo... Por meio da televisão, o Centro assimilou o país inteiro, que era historicamente tão diferenciado e rico em culturas originais. Começou uma obra de padronização destruidora de qualquer autenticidade e concretude. Ou seja, impôs os seus modelos: os modelos desejados pela nova industrialização, que não mais se contenta com ‘um homem que consuma’, mas pretende ainda que se tornem inconcebíveis outras ideologias que não as do consumo”.¹⁷

Quando se abalam os quadros sociais e mentais de referência, como ocorre com a vasta ruptura história em curso no século vinte, entram em declínio as linguagens da modernidade e difundem-se as da

¹⁷ Pier Paolo Pasolini, *Os Jovens Infelizes* (Antologia de Ensaios Consários), organização de Michel Lahud, de Michel Lahud e Maria Betânia Amoroso, Editora Brasiliense, São Paulo, 1990, pp. 45-46 e 57-58.

pós-modernidade. De par-em-par com a ruptura histórica, inclusive com a sua progressão espasmódica, desenvolve-se uma ampla e profunda ruptura epistemológica, ressoando variavelmente no âmbito de todas as linguagens herdadas da modernidade: literatura, artes plásticas, cinema, mídia, filosofia e ciências sociais.

“Cada vez mais, significados e atitudes são transmitidos e gravados na memória por associação auricular – *os jingles*, os *ós* e *ás* dos anúncios modernos – e pelo meio pictórico dos cartazes da televisão. A frase lida bate em retirada perante a fotografia, a imagem da televisão, os alfabetos ilustrados das revistas em quadrinhos e das cartilhas de aprendizado. Cada vez mais, o homem médio lê *legendas* de vários gêneros de material gráfico. A palavra é mera escrava do choque sensorial. Isto, conforme McLuhan assinalou, modificará hábitos essenciais de percepção humana. Televisão tridimensional em cores, capaz de comunicar acontecimentos de uma parte do mundo para outra com efeito dramático instantâneo, não só irá desgastar ainda mais o que resta do silêncio privado, como educar a imaginação para uma passividade ávida. Nosso poderes de absorção nervosa poderão aumentar, nossa tolerância ao impacto visual e auditivo poderá crescer; mas o potencial recreativo que nos possibilita construir uma imagem coerente de lugar e ação a partir do simples signo da palavra silenciosa diminuirá, como um músculo sem uso”.¹⁸

Sob muitos aspectos, no entanto, a linguagem continua a participar decisivamente da constituição das coisas, gentes e idéias. Revela-se produto e condição das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, constituindo-se como componente essencial das configura-

¹⁸ George Steiner, *Linguagem e Silêncio* (Ensaíos sobre a Crise da Palavra), trad. de Gilda Stuart e Felipe Rajabally, Companhia das letras, São Paulo, 1988, pp. 329.

rações histórico-sociais de vida, trabalho e cultura. A linguagem simultaneamente taquigrafa e constitui as relações, os processos e as estruturas da vida social em geral, tanto quanto as produções e criações que conformam a sociedade, em âmbito local, nacional, regional e mundial. As épocas e ciclos da história, em todos os níveis, assim como as formas das culturas e civilizações, tudo se expressa, articula, movimenta, tensiona, transforma, floresce ou declina em signos, símbolos, emblemas, conceitos, metáforas, explicações e mitos.

Sob muitos aspectos, a magia da linguagem transborda dos limites habitualmente estabelecidos pelas taxonomias, formalizações ou teorias.

É óbvio que a lingüística, a filosofia da linguagem, a sociolinguística, a etnolinguística, a semiótica e a desconstrução contribuem muito para o esclarecimento da linguagem, sob todos os seus aspectos. A clareza e o rigor do estruturalismo e da hermenêutica, entre outras metodologias de análise, contribuem para estabelecer os parâmetros indispensáveis à exegese dos significados e das articulações signos, símbolos e emblemas, tanto quanto de figuras e figurações que constituem semântica e sintaticamente a linguagem, o texto, o discurso, a narrativa. O giro lingüístico em curso no século vinte abre outras e novas possibilidades de reflexão e descoberta sobre os mais diversos aspectos da linguagem.

Poucas vezes, no entanto, as taxonomias, formalizações ou teorias desvendam a magia da linguagem. O mistério da palavra, a magia da linguagem ou a aura da narrativa, seja esta literária, científica ou filosófica, em geral esconde-se além das classificações. No original, a narrativa literária, científica ou filosófica revela sempre algo mais do que se traduz em análise lingüística, de filosofia da linguagem, socio-

linguística, etnolinguística, semiótica ou deconstrutiva. É principalmente no original que se esconde o conteúdo, o significado ou a semântica, compreendendo a metáfora e a alegoria, o conceito e a categoria, a sublimação e o exorcismo, o estilo e o mito a utopia e a nostalgia.

Este pode ser o principal desafio para uns e outros, em suas produções, criações e transfigurações. Trata-se de realizar a metamorfose da palavra, linguagem ou narrativa em aventura da imaginação, fascínio do incógnito, desespero do inexorável, esclarecimento da realidade, antinomia da reflexão ou deslumbramento estético. Pode ser que nessa misteriosa metamorfose se esconde o segredo do estilo de pensamento, quando ressoa a vibração lírica, a tensão dramática ou o pathos épico.

São muitos os exemplos de narrativas que desafiam contínua ou ciclicamente os interpretes de todas as orientações. Sem esquecer que cada interprete, leitor ou ouvinte situa-se com suas convicções, interrogações e inquietações, é inegável que há narrativas que reiteram desafios e guardam segredos, persistindo em seu fascínio, desespero ou deslumbramento. Pode haver algo na narrativa, na época ou em ambos, que faz com que metamorfose seja, no limite, indecifrável, de tal modo que se mantém o mistério primordial.

Um momento excepcional dessa busca do mistério primordial, desvenda-se no diálogo imaginário estabelecido por Jakobson com Maiakovski. A nostalgia de um dialoga com a utopia do outro. Ao debruçar-se sobre a poesia de Maiakovski, Jakobson desvenda a configuração histórica na qual se conforma. Trata-se de um momento excepcional da história do século vinte. Aí, o presente se revela fugaz, o passado remoto e o futuro inalcançável.

“Nós nos havíamos comprometido com demasiado ímpeto e avidez com o futuro, para que restasse algo do passado. Rompera-se a conexão dos tempos. Vivíamos demasiado o futuro, pensando nele, acreditando nele. Para nós, não havia atualidade autosuficiente. Havíamos perdido o sentido de presente. Éramos testemunhos e participantes de grande cataclismo sociais, científicos e outros. (...) Mas o futuro tampouco nos pertence. Em poucas décadas estaremos marcados como produtos do milênio anterior. Tudo que tínhamos era urgentes canções do futuro; e de repente estes cantos já não formam parte de dinâmica da história, pois que se transformaram em dados histórico-literários. Quando se matam os cantores e as suas canções são arrastadas aos museus e cravadas na parede do passado, a geração que representam permanece ainda mais desolada, órfã e perdida; empobrecida no sentido real da palavra”.¹⁹

Sob muitos aspectos, o século vinte pode ser visto não só como o século do “giro linguístico”, mas também como o de uma vasta, complicada e infundável controvérsia sobre a linguagem, em todos os seus aspectos. Discutem-se as línguas nacionais, internacionais e mundiais. Todos são desafiados a refletir sobre pensamento e linguagem, linguística, filosofia da linguagem eletrônica, inteligência artificial, satanização do logos, semiótica, desconstrução, modernidade e pós-modernidade.

De par-em-par com as inquietações, multiplicam-se os esclarecimentos mas também as interrogações. Rebuscam-se a literalidade e a

¹⁹ Roman Jakobson, *Una Generazione Che Ha Dissipato I Suoi Poeti* (Il Problema Maiakovski), trad. de Vittorio Strada, Giulio Einaudi Editori, Torino, 1975, p. 42. Roman Jakobson, *Arte Verbal, Signo Verbal, Tiempo Verbal*, trad. de Mónica Mansour, Fondo de Cultura Economica, México, 1992, p. 181; citação de “De Una Generación Que Desperdió A Sus Poetas”, pp.153-181.

oralidade, a identidade e a diversidade, a história e a tradição, a memória e o esquecimento, o oriental e o ocidental, o africano e o indígena, o nacional e o mundial, sempre tendo em conta os novos desafios que se põem à comunicação, informação e criação, envolvendo o entendimento e o desentendimento, a polifonia e a cacofonia.

Esse pode ser o clima em que se volta e revolta a falar da torre de Babel, como alegoria, mito ou ilusão. A nostalgia do passado remoto, perdido nos confins dos tempos, tanto resgata a comunidade transparente imaginando a torre, como a sociedade caótica, na qual se torna impossível prosseguir sua construção. Sim, porque Babel, em seu sentido primordial, significa “porta do céu”, logo transfigurando-se popularmente em “confusão”, como castigo ou danação.

São muitos os que se debatem por fora e por dentro da torre de Babel, em busca do mistério ou da revelação. No século vinte, são muitas as alusões, paráfrases ou recriações dessa narrativa imaginária de um momento original e seminal, com o qual indivíduos e coletividades são desafiados a esclarecer os contrapontos e as antinomias que subsistem na atividade e no imaginário de uns e outros, em todo o mundo: pensamento e linguagem, oralidade e literalidade, tradução e transculturação, entendimento e desentendimento, dito e desdita, polifonia e cacofonia.²⁰

Kafka:

“No início tudo estava numa ordem razoável na construção da torre de Babel; talvez a ordem fosse até excessiva, pensava-se

²⁰ George Steiner, *Después de Babel*, trad.de Adolfo Castañom, Fondo de Cultura Economica, Mexico, 1980. Umberto Eco, *La Ricerca Della Lingua Perfetta Nella Cultura Europea*, Editori Laterza, Roma-Bari, 1996.

demais em sinalizações, interpretes, alojamentos de trabalhadores e vias de comunicação, como se à frente houvesse séculos de livres possibilidades de trabalho... O essencial do empreendimento todo é a idéia de construir uma torre que alcance o céu. Ao lado dela tudo o mais é secundário. Uma vez apreendida na sua grandeza essa idéia não pode mais desaparecer; enquanto existirem homens, existirá também o forte desejo de construir a torre até o fim... Cada nacionalidade queria ser o alojamento mais bonito, resultaram daí disputas que evoluíram até lutas sangrentas. Essas lutas não cessaram mais... As pessoas porém não ocupavam o tempo apenas com batalhas, nos intervalos embelezava-se a cidade, o que entretanto provocava nova inveja e novas lutas... A isso se acrescentou que já a segunda ou terceira geração reconheceu o sem-sentido da construção da torre do céu, mas já estavam todos muito ligados entre si para abandonarem a cidade”.²¹

Borges:

“O planeta havia sido dividido em distintos países, cada um provido de lealdades de estimadas memórias, de um passado sem dúvida heróico, de direitos, de ofensas, de uma mitologia peculiar, de próceres de bronze, de aniversários, de demagogos e de símbolos. Essa divisão, cara aos cartógrafos, auspiciava as guerras”.²²

Talvez se possa afirmar que as diversas disciplinas e teorias empenhadas em elucidar os segredos da linguagem buscam, em última instância, decifrar o mistério de Babel, como alegoria, mito, ilusão ou alucinação. Babel está sempre à espreita, em tudo o que se diz e escre-

²¹ Franz Kafka, “O Brasão da Cidade”, trad. de Modesto Carone, *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 2 de Janeiro de 1993, p. 5.

²² Jorge Luis Borges, *Obras Completas*, 3º tomo, Emecé Editores, Buenos Aires, 1994, p. 500; citação de “Juan López y John Ward”, do livro *Los Conjurados*, pp. 453-507.

ve, pensa e imagina, compreende e explica, sonha e fantasia. Impregna mais ou menos profundamente as formas de sociabilidade e os jogos das forças sociais, ou seja, as configurações histórico-sociais de vida, trabalho e cultura, Daí a multiplicidade de narrativas sobre os mais diversos aspectos da linguagem, nas quais se empenham a linguística, a teoria literária, a filosofia da linguagem, a sociolinguística, a etnolinguística, a semiótica e a desconstrução. Em todos os casos está em causa o esclarecimento, a compreensão, a revelação ou encantamento, talvez essenciais à existência e à imaginação de uns e outros, em todo mundo.

4. ESTILOS DE PENSAMENTO

Se falamos de linguagem e tempos modernos, estamos falando de modernidade e pós modernidade. Seriam duas formas de pensar, sentir, agir, imaginar e narrar que se expressam de modo particularmente diverso e nítido em texto de escritores, cientista sociais e filósofos. Dois “estilos de pensamento” expressos em duas modalidades às vezes radicalmente distintas de narrativas.

É o que se torna particularmente evidente se confrontarmos as narrativas de Maquiavel e Shakespeare, ou Rousseau e Goethe, por um lado, e as narrativas de Wittgenstein, Kafka, Benjamim e Beckett por outro. Independentemente das peculiaridades e originalidades narrativas de cada um, pode-se afirmar que correspondem a estilos de pensamento diversos. Podem ser indicativos de visões de mundo distintas. Expressam, sintetizam e constroem possibilidades diferentes de compreender, explicar ou imaginar as articulações e os movimentos possíveis das coisas, gentes e idéias.

No âmbito da *modernidade*, a linguagem desempenha um papel especial. Confere nome, qualifica, quantifica, enfatiza, compreende, interpreta, reproduz e traduz o significado das realidades, prosaicas ou excepcionais, visíveis, ou imaginárias, presentes, pretéritas ou futuras. Em todos os casos, a linguagem da modernidade supõe a representação, a mimesis, em termos que podem ser clássicos, românticos, realistas, naturalistas, simbolistas ou expressionistas. Mas sempre está em causa algum compromisso com a representação da realidade prosaica ou imaginária, em termos literários, científicos ou filosóficos.

No âmbito da *pós-modernidade*, que se desenvolve cada vez mais desde fins do século dezenove, intensificando-se e generalizan-

do-se no curso do século vinte, a linguagem como que se descola do real, liberta-se da idéia ou ilusão da representação, abandonando a mimesis. Essa é a época em que se inicia, intensifica e generaliza o “giro lingüístico”. Apartir do giro línquístico, a linguagem parece torna-se independente, revelando-se eletrônica, informática, cibernética; ou estrutural, sistêmica, semiótica.

É possível reconhecer que *modernidade* e *pós-modernidade* são dois estilos de pensamento e narrativa. Simbolizar e narrar. Estão presentes na maioria das narrativas literárias, de ciências sociais e filosóficas. É claro que essas modalidades de narrar divergem entre si; mesmo porque a literatura prioriza figuras e figurações, ou metonímias, metáforas e alegorias, ou a compreensão; ao passo que as ciências sociais priorizam conceitos e leis, relações, processos e estruturas, nexos e tensões, ou a explicação. Algo semelhante pode ser dito da filosofia, na qual predominam categorias de pensamento, questões de apistemologia, lógica e metafísica. Mas é possível reconhecer que as narrações literárias, científicas e filosóficas construídas no espírito da modernidade guardam algum compromisso com a representação ou mimesis. Ao passo que no espírito da pós-modernidade as narrações soltam-se no âmbito dos signos, símbolos, figuras e figurações lingüísticos, ou estruturais, semióticos, deconstrutivos, alheios à representação ou mimesis, soltos na imaginação.

É provável que o modo de pensar e narrar próprio da modernidade seja principalmente o “estilo romântico”. Desde os seus primórdios, com Maquiavel e Shakespeare, ou Bacon e Cervantes, o que está em causa é uma visão mais ou menos romântica do mundo. Em escala crescente, uns e outros acreditam ou intuem que o mundo pode ser conhecido; a realidade pode ser explicada; a razão tende a governar o

indivíduo; o público se distingue do privado, assim como a política e a religião; o esclarecimento em geral é possível e a emancipação é realizável; o progresso, a evolução e a modernização seriam realizações da modernidade, abertas à humanidade. Algumas dúvidas sobre essas possibilidades, conquistas ou ideais desafiam e perturbam as convicções, mas ajudam a enriquecer e desenvolver o modo romântico de ser, pensar, sentir, agir, explicar, compreender, imaginar e narrar.

É o que se pode observar nos escritos de Rousseau, Herder e Goethe, entre muitos outros. Tanto Fausto como Mefistofeles são figuras e figurações da Ilustração, simbolizando muito do que tem sido a modernidade. Daí para diante entram em cena Spencer, Ricardo, Comte, Marx, Balzac, Manzoni, Dickens, Poe, Durkheim, Renan, Tolstoi, Sarmiento e outros. É claro que êsse romantismo leva de permeio realismo e naturalismo, como simbolismo e expressionismo; mas subsiste a convicção, ilusão ou o ceticismo referidos às possibilidades da emancipação.

“O homem moderno e a civilização contemporânea são inconcebíveis sem o ingrediente romântico. O tipo clássico – de acordo com Goethe, ele próprio um romântico involuntário – contentava-se com alcançar a antecâmara da verdade sagrada; o homem moderno, por outro lado, sente ânsia obcecante por autoexpressão autêntica e uma necessidade faustiana de penetrar no coração do mais recôndito mistério de tudo e do todo. Igualmente românticas na origem são a eterna rebeldia do descontente e do resignado, e a afetuosa auto-identificação dos espíritos prometeicos com a alma coletiva do universo, da natureza, da história, da nação, da Igreja, da classe e da revolução”.²³

²³ J. L. Talmon, *Romantismo e Revolta* (Europa 1815-1848), trad. de Tomé Santos Junior, Editorial Verbo, Lisboa, 1967, p. 165.

É possível dizer que o modo de pensar e narrar no clima da pós-modernidade tem sido impressionista, expressionista, dadaísta, futurista, surrealista. Em diferentes gradações, a maioria das narrativas e outras criações da pós-modernidade levam consigo algo de paroxístico, fragmentário, descontínuo, desenraizado, desterritorializado, Tende para deslocamento, a isenção, o virtual, o simulacro, a desconstrução. Pode haver ressonâncias do que seria a realidade, mas como alusões irônicas, carnavalizadas; ou como reminiscências do inconsciente. Muitas vezes, o lógos é satanizado, com base na razão.

O romântico pode ser lírico, dramático ou épico. São modalidades de narrativas construídas com base na intuição, ciência ou implicação de que a representação ou mimesis é possível, realizável. São diferentes caminhos da travessia característica da maioria das narrativas, em busca do esclarecimento, compreensão, explicação, articulação, emancipação. Há sempre algo de realista na narrativa romântica própria dos tempos modernos.

É muito sintomático que uma parte importante das narrativas características da pós-modernidade não tem qualquer compromisso com continuidade ou descontinuidade, parte ou todo, passado ou presente, próximo ou remoto. “Narra-se” de modo aforístico, epigramático, fragmentário ou errático. Carrega-se na montagem, colagem, mixagem, bricolagem, desconstrução, simulacro, virtual. O que já havia sido esboçado em escritos de Nietzsche, parece generalizar-se no século vinte em escritos de Wittgenstein, Karl Kraus, Kafka, Bataille, Joyce, Pound, Musil, Beckett e outros.

Talvez se possa afirmar que a época da transição da modernidade à pós-modernidade seja, simultaneamente, a época do declínio do estilo romântico de pensamento. Se podemos admitir que a moderni-

dade implica no compromisso com a razão e a emancipação, compreendendo formas de sociabilidade, jogos de forças sociais, configurações histórico-sociais de vida, trabalho e cultura, então cabe reconhecer que o estilo romântico predominante na filosofia, ciências sociais e artes entra em crise. Alteram-se as condições e as possibilidades dos indivíduos e das coletividades, no que se refere aos contrapontos economia, Estado e sociedade civil, trabalho e capital, política e religião, democracia e tirania, liberdade e igualdade, público e privado, soberania e hegemonia, cultura e mentalidade, identidade e alteridade, diversidade e desigualdade, indivíduo e humanidade. As próprias utopias da modernidade entram em crise, ou são esquecidas: liberdade, igualdade e fraternidade; governo do povo, para o povo e pelo povo; revolução e redenção; trabalho e desalienação; solidariedade e humanidade. Se aceitamos que estes são signos, símbolos e emblemas, ou figuras e figurações, da modernidade, envolvendo o estilo de pensamento e vida idealizado pelo romantismo, então sim, pode-se afirmar que o mundo romântico está em declínio. É toda uma visão do mundo que cede espaços cada vez mais amplos ao pragmatismo, à organização sistêmica, à razão instrumental, que também nasceram com a modernidade, quando predominou a idéia de razão crítica.²⁴

É claro que alguns, ou muitos, elementos da modernidade subsistem na linguagem da pós-modernidade. A transição tende a ser contraditória, desigual, abrupta ou lenta. Além do mais, há os des-

²⁴ Jurgen Habermas, *El Discurso Filosófico de la Modernidad*, trad. de Manuel Jimenez Redondo, Taurus, Madrid, 1989; David Harvey, *Condição 'Pós-Moderna'*, trad. de Adail U. Sobral e Maria S. Gonçalves, Edições Loyola, São Paulo, 1992; Marschall Berlipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti, Companhia das Letras, S.Paulo, 1986; Jean-François Lyotard, *O Pós-Moderno*, trad. de Ricardo Corrêa Barbosa, José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1986.

compassos das gerações. Inclusive há sempre os nostálgicos. A não-contemporaneidade continua a ser um componente dinâmico e obviamente surpreendente dos movimentos da história.

Mas os significados dos signos, símbolos e emblemas, compreendendo figuras e figurações, da modernidade, podem ser totalmente outros, se estiverem presentes nos tempos e nas linguagens da pós-modernidade. Continua-se a falar em democracia e cidadania, por exemplo, mas em termos de mercado, individualismo possessivo, escolha racional, consumo, cartão magnético, internet. A liberdade e a igualdade, mais do que nunca, são faculdade de proprietário de capital, tecnologia e força de trabalho, ou dos seus múltiplos arranjos em âmbito nacional, regional e mundial. São faculdades de que dispõem os indivíduos para se manifestarem, circularem ou situarem no mercado local, nacional, regional e mundial. A “realidade virtual” torna-se não só substituta ou sucedânea da experiência, mas crescentemente descola-se da experiência, de tal modo que indivíduos e coletividades carecem de condições histórico-sociais para elaborar sua presença e atividade no jogo das forças sociais. Sim, este é o paradoxo: no clima da pós-modernidade, de par-em-par com a descontinuidade, a fragmentação e o pequeno relato presente em algumas linguagens, floresce a teoria sistêmica e a razão instrumental, articulando coisas, gentes e idéias, em escala local, nacional regional e mundial.

No curso da complexa e tensa travessia da modernidade à pós-modernidade, modifica-se o sentido da língua. A pós-modernidade inaugura outras noções sobre língua e fala, sintaxe e semântica, sincronia e diacronia, som e sentido, palavra e imagem, autor e leitor, texto e contexto. Trata-se de uma travessia que acena para a terceira margem do rio, envolvendo implicações ontológicas e epistemológicas.

Vale a pena reconhecer que o clima cultural e imaginário da pós-modernidade propicia o reflorescimento da “imagem”. Esta é uma linguagem presente em toda história dos povos, impregnando amplamente as mais diversas criações culturais de uns e outros. Ela adquire novos significados, quando a literatura, as ciências sociais e a filosofia são alcançadas pelo desafios da pós-modernidade. No século vinte, e crescentemente no curso do seu desenvolvimento, a imagem adquire presença e proeminência.

Aliás, no que se refere à modernidade e à pós-modernidade, cabe reconhecer que a imagem tem sido uma linguagem importante e, muitas vezes, essencial, no que se refere à comunicação, informação e entretenimento. Sob todas as suas formas, a imagem adquire importância crescente no mundo da cultura, além da que possui nas artes plásticas. O mundo do cinema, teatro, cultura de massa, indústria cultural, mídia impressa e eletrônica, visto em conjunto e em suas influência recíprocas e múltiplas, esse é um mundo no qual sobressai a profusão caleidoscópica da imagem. À medida que se desenvolve a imprensa, compreendendo jornais, revistas e livros, a palavra impressa é crescentemente acompanhada pela imagem. São desenhos, gravuras, litografias e pinturas ilustrando, ampliando, aprofundando ou facilitando a comunicação, informação e entretenimento. Esse é um processo que se intensifica com a fotografia e a cinematografia, além dos desenvolvimentos das técnicas de impressão, nas quais se incorporam possibilidades cada vez mais sofisticadas de ilustração. Trata-se de um processo que adquire desenvolvimentos excepcionais na segunda metade do século vinte, quando as tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas são sintetizadas e agilizadas na televisão, computador,

internet e outras produções, transbordando para a mídia em geral, cinema, teatro, escola, igreja e outros espaços sócio-culturais.

Em poucas décadas, no fim do século vinte, muitos, em todo o mundo, são levados a sentir, agir, pensar e fabular como se a realidade fosse principalmente, ou exclusivamente, virtual. Aos poucos, muitos parecem desligar-se da “experiência”, como fundamento do modo de ser; e da “palavra”, como meio essencial de comunicação, informação, reflexão, compreensão, explicação e fabulação. Jogam-se e são jogados na “realidade virtual”, como outra forma de experiência ou um mundo no qual se pode prescindir da experiência. Aí tudo pode ser principalmente imagem, colorida, sonorizada, suave, impactante, fascinante, brutal, horripilante e estetizante. Esse é o clima em que florescem a montagem, a colagem, a mixagem, a bricolagem, a desconstrução, o simulacro, a paródia, a carnavalização. Em pouco tempo, a “estética” do video-clip transborda da televisão e do marketing, para todos os outros meios de comunicação, do cinema ao jornal, da escola à igreja, do show de música popular à copa do mundo, dos conflitos sociais às guerras.

Em geral, no entanto, a imagem predomina na cultura de massa, na cultura transnacional-popular e na indústria cultural. Esse é o âmbito da cultura no qual a palavra impressa e falada precisa disputar com a imagem, enquanto meio de comunicação, informação e entretenimento; sem esquecer seus usos nos que se refere à compreensão, reflexão, introspecção e fantasia. Além das diferenças mais ou menos óbvias entre a palavra e a imagem, como emblemas de linguagens diferentes, cabe reconhecer que as diferenças podem acentuar-se quando se trata de experiência, existência, formas de sociedade e jogos de forças sociais, ou modos de ser, sentir, pensar, agir, compreender, expli-

car e fabular. Sim, a imagem guarda uma relação muito especial com o que expressa, o que se torna um pouco mais evidente quando se a compara com a palavra: Torre de Babel, Muralh da China, Bíblia, Alcorão, O Príncipe, Fausto, Revolução Soviética, Realidade Virtual, Aldeia Global, Desterritorialização, Terra-Pátria.

A verdade é que também a pós-modernidade depende de palavra, língua, discurso, texto, relato ou narrativa; inclusive no seu empenho de redefinir ou, em alguns casos, negar a importância do conceito, categoria, explicação ou teoria. Aliás, vale a pena prestar atenção no empenho e sofisticação de algumas narrativas pós-modernas, nas quais se procura desconstruir não só conceitos, categorias, explicações e teorias, mas também ontologias e epistemologias criadas com a modernidade. Todos passam pela palavra, língua e narrativa, signo, símbolos e emblemas, figuras e figurações de linguagem, mesmo quando se trata de reinventá-los ou, também, negá-los.

Sob o signo da pós-modernidade, quando se desenvolve o “giro linguístico”, discutem-se e modificam-se mais ou menos radicalmente as formas de pensamento e narração nascidas com a modernidade. São postos em causa a filosofia da consciência, o autor, o sujeito; ao mesmo tempo que se reiteram e enfatizam dúvidas sobre as possibilidades de se conhecer o objeto, a realidade, Muito do que pode ser a filosofia da consciências e a ciência social é visto como discurso, texto, sistema de signos ou estrutura inconsciente, sonho, devaneio ou mito, pondo-se em causa o lógos, a metafísica, a epistemologia, a teoria, a explicação, o relato “especulativo” e o relato de “emancipação”. São formas de pensamento suscetíveis de hermenêutica, exegese, desconstrução.

Muito do que foi ou teria sido a modernidade, fundada na razão, esclarecimento, ilustração e especulação, compreendendo as condições

e as possibilidades da consciência, auto-consciência, ação, organização, transformação, revolução ou emancipação, tudo isso se questiona, reformula ou dissolve em arqueologias, epistemes, desconstruções, simulacros, bricolagens. Coloca-se em dúvida, ou simplesmente deixado, toda e qualquer preocupação com a origem, a formação e a história, ou a travessia de uma configuração a outra. O que poderia ser configuração, não é senão discurso, mais ou menos intrincado.

“Gênese, continuidade, totalização: eis os grandes temas da história das idéias e por onde ela se liga a uma certa forma, hoje tradicional, de análise histórica... Ora, a descrição arqueológica é precisamente abandono da história das idéias, recusa sistemática de seus postulados e de seus procedimentos, tentativa de fazer uma história inteiramente diferente daquilo que os homens disseram... A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos; mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras... A arqueologia não é ordenada pela figura soberana da obra... A obra não é para ela um recorte pertinente, mesmo se se tratasse de recoloca-la em seu contexto global ou na rede causalidades que a sustentam. Ela define tipos e regras de práticas discursivas que atravessam outras individuais, que, às vezes, as comandam inteiramente e as dominam sem que nada lhes escape; mas de que, às vezes também, só regem uma parte. A instância do sujeito criador, enquanto razão de ser uma obra e princípio de sua unidade, é estranho a ela”.²⁵

“Eu definiria *épistémè* como o dispositivo estratégico que permite escolher, entre os enunciados possíveis, aqueles que pode-

²⁵ Michel Foucault, *A Arqueologia do Saber*, trad. de Luiz Felipe Baeta Neves, Editora Vozes, Petrópolis, 1972, pp. 170, 171 e 172.

rão ser aceitáveis no interior, não digo de uma teoria científica, mas de um campo de cientificidade, e a respeito de que se poder dizer: é falso, é verdadeiro. É o dispositivo que permite separar não o verdadeiro do falso, mas o inqualificável cientificamente do qualificável”.²⁶

Vários elementos, e sua articulações, que pareciam importantes, em termos de modernidade, são questionados e abandonados. O discurso é tomado como o sistema de signos a ser deslindado, sem referência a sujeito ou objeto, representação, tema ou história. O desafio é deconstruir o discurso, *ad infinitum*.

“Efetivamente, o que parece mais sedutor nesta pesquisa crítica de um novo estatuto (da atividade da bricolagem) é o abandono declarado de toda referência a um *centro*, a um *sujeito*, a uma referência privilegiada, a uma origem ou a uma arquia absoluta”.²⁷

O ceticismo sobre as formas de saber e do saber alcançadas no curso dos tempos modernos, não só põe em causa o conceito, a explicação, a historicidade e a totalidade, mas também a própria narrativa, ou texto, discurso, em que se elaboram aquelas e outras idéias. O pensamento e o saber, as teses e as teorias, as hipóteses e as explicações podem ser classificadas principalmente como discurso, tomados em si, como sistemas de signos. Desde que as narrativas ou os textos de filosofia e ciências sociais se classificam como discurso, no sentido de

²⁶ Michel Foucault, *Microfísica do Poder*, organização e tradução de Roberto Machado, Edições Geral, Rio de Janeiro, 1979, p. 247.

²⁷ Jacques Derrida, *A Escritura e a Diferencia*, trad. de Maria Beatriz e Marques Nizza da Silva, Editora Perspectiva, São Paulo, 1971, p. 240. A propósito de deconstrução, consultar também: Jacques Derrida, *A Farmácia de Plantão*, trad. de Rogério Costa, 2ª. Edição, Editora Iluminuras, São Paulo, 1997.

que podem e devem ser vistos em si, descolados de outras referências, desenvolve-se o argumento de que o discurso pode estar prefigurado, delimitado por antecipação, vigiado pelos parâmetros em que se abriga e obriga.

“Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (...) Ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciadas), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala”.²⁸

Sob a pós-modernidade, são frequentes os discursos nos quais se dissolvem as narrativas da modernidade, tanto de “especulação” como de “emancipação”. Por meio de um uso muito especial da hermenêutica, da redução fenomenológica, do estruturalismo e da semiótica, dissolvem-se conceitos, categorias, teorias e explicações, simultaneamente aos contrapontos sujeito e objeto do conhecimento, palavra e

²⁸ Michel Foucault, *A Ordem do Discurso*, trad. de Laura F. de Almeida Sampaio, Edições Loyola, São Paulo, 1996, pp. 8-9 e 37.

Consultar também: Jean-François Lyotard, *O Pós-Moderno*, trad. De Ricardo Corrêa Barbosa, José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1986; Haden White, *Meta-História*, trad. de José Laurênio de Melo, Edusp, São Paulo, 1992; Gianni Vattimo, *O Fim da Modernidade*, trad. Maria de Fátima Boavida, Editorial Presença, Lisboa, 1987.

coisa, racional e real. Privilegia-se o discurso ou texto, enquanto sistema de signos, tomado em sua singularidade e autonomia.

“A linguagem pode tornar-se autônoma (no lugar da subjetividade) assumindo forma de destino epocal do ser, do delírio dos significantes, da concorrência de repressão dos discursos, ao ponto de se diluírem – na corrente de um evento textual geral (administrado indistintamente por pensadores e poetas) – as fronteiras entre o significado textual e metafórico, entre a lógica e a retórica, entre a fala séria e a fictícia; mas para isso é preciso que todas as conotações da autoconsciência, autodeterminação e auto-realização tenham sido expulsas dos conceitos básicos da filosofia. (...) Esse movimento de pensamento anulou de tal modo os vestígios da subjetividade transcendental, a ponto de arrastar com ela o sistema de referência com o mundo, de perspectivas de falantes e de pretensões de validade inerentes à própria comunicação lingüística. Ora, sem esse sistema de referências torna-se impossível e, inclusive, sem sentido a distinção entre níveis diferentes de realidade, entre ficção e realidade, entre prática cotidiana e experiência extraordinária, entre os correspondentes tipos de textos e gêneros. A própria morada do ser é arrastada para o torvelinho de uma tormenta de linguagem desordenadas”.²⁹

Uma das realizações das formas de pensamento da pós-modernidade é transformar a filosofia e a ciência em “literatura” ou “escrita”. Assim, a linguagem empenhada na construção de conceito aparece como linguagem eivada de metáforas. Realiza-se a metamor-

²⁹ Jürgen Habermas, *Pensamentos Pós-Metafísico*, trad. de Flávio Beno Siebeneichler, Edições Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1990, pp. 237 e 239-240. Consultar também: Fredric Jameson, *As Sementes do Tempo*, trad. de José Rubens Siqueira, Editora Atica, São Paulo, 1997; Paolo Rossi, *Paragone Degli Ingegneri Moderni e Postmoderni*, Il Mulino, Bologna, 1989.

rose da narrativa filosófica, ou científica, em narrativa literária, plena e fosforescente de imagens, figuras e figurações.

“Se a literatura proporciona o modelo para um texto universal, não superável, no qual em última instância dissolvem-se todas as diferenças de gênero, não pode ser possível distingui-la de outros discursos, como domínio autônomo de ficção. (...) Na medida em que a função poética, a função que tem a linguagem de abrir mundo, adquire primazia e força estruturalmente determinante, a linguagem escapa às restrições estruturais e às funções comunicativas da vida cotidiana. O espaço de ficção que se abre quando as forma linguísticas de expressão se tornam reflexivas, é resultado da neutralização da capacidade que os atos ilocutórios possuem de estabelecer vínculos e da neutralização das idealizações que tornam possível um uso da linguagem orientada ao entendimento; e, assim, de uma coordenação de planos de ação centrada no reconhecimento intersubjetivo de exigências de validade suscetíveis de crítica”.³⁰

Está em curso uma paradoxal estetização de linguagem, simultaneamente à dissolução das formas de pensamento, de saber e do saber. Em lugar do conceito e da categoria, a metáfora e a alegoria. Em vez da reflexão para construir o conceito e a explicação, o discurso orientado para deconstruir e dissolver o conceito e a explicação, isto é, o lógos. Em substituição ao desafio e mistério do “objeto” do conhecimento, o empenho em abandoná-lo, como impossibilidade ou ilusão. Em lugar do privilégio do “sujeito” do conhecimento, compreendendo a filosofia da consciência, o relato especulativo, a busca do esclareci-

³⁰ Jürgen Habermas, *El Discurso Filosófico de la Modernidad*, citado, pp. 241 e 246-247; *O Discurso Filosófico da Modernidade*, trad. de Ana Maria Bernardo e outros, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1990, pp.190 e 194.

mento, a possibilidade da emancipação, coloca-se o privilégio do discurso, texto, sistema de signos; uma espécie de nebulosa, misteriosa, a ser continuamente interrogada por iniciados em arqueologia, deconstrução ou bricolagem.

“Um dos problemas mais difíceis, para os filósofos, é descer do mundo do pensamento ao mundo real. A realidade imediata do pensamento é a *linguagem*. Assim como os filósofos proclamaram a independência do pensamento, tiveram que proclamar também a linguagem como um reino à parte e soberano. Nisto reside o segredo da linguagem filosófica, na qual os pensamentos encerram, como palavras, um conteúdo próprio. O problema de descer do mundo dos pensamentos ao mundo real converte-se assim, no problema de descer da linguagem à vida. Conforme sabemos, a substantivação dos pensamentos e das idéias é uma consequência da substantivação das condições e das relações pessoais dos indivíduos. E sabemos, também, que o fato de que os ideólogos e os filósofos se ocupam sistematicamente e de um modo exclusivo destes pensamentos é uma consequência da divisão do trabalho... Os filósofos não teriam senão que reduzir sua linguagem à linguagem corrente, da qual se abstraem, para dar-se conta e reconhecer que nem os pensamentos nem a linguagem formam por si mesmos um reino à parte, mas que são, simplesmente, expressões da vida real”.³¹

Vale a pena observar que boa parte do pensamento pós-moderno, crítica ou simplesmente nega o grande relato, o holismo metodológico ou a macroteoria, como formas totalizantes e arbitrarias de conhecimento; expressões de um logocentrismo pré-estabelecido, delimitado

³¹ Karl Marx e Frederick Engels, *La Ideologia Alemana*, trad. de Wenceslao Roces. Ediciones Pueblos Unidos, Montevideo, 1958, pp. 506-507.

ou afixante. Essas seriam heranças ou influências negativas ou inócuas da modernidade. Entretanto, o mesmo pensamento da pós-modernidade acaba por afirmar-se e impor-se como abrangente, grande teoria globalizante.

“Ainda que tenham formulado argumento para repudiar atividades de teorização, ao mesmo tempo viram-se imersos, evidentemente, na teorização. Não se pode negar que Foucault formulou uma opinião geral sobre a natureza do conhecimento; que Wittgenstein nos deixou uma relação abstrata do significado e o entendimento; que Feyerabend tem um método preferido, quase popperiano, para julgar as hipóteses científicas; e que Derrida pressupõe a possibilidade de construir interpretações quando nos diz que nossa próxima tarefa deve ser a de desconstruí-las... Demonstrem encontrar-se entre os maiores teóricos da atualidade, para um espectro amplo de disciplinas sociais”.³²

“A desconstrução é teórica. É, para ser exato, metateoria que pretende uma pesquisa e uma crítica teórica de todas as teorias do significado e dos modelos de compreensão existentes”.³³

Vale a pena refletir um pouco sobre o contraponto modernidade/pós-modernidade, tendo-se em conta a negação de uma modalidade de grande teoria, de modo a substituí-la por outra modalidade de grande teoria. Sim, o discurso da pós-modernidade nega e afirma-se como tal. Trata-se de uma grande teoria diferente, alternativa, envolvendo talvez outras bases epistemológicas. Nesse sentido, o discurso da pós-

³² Quentin Skinner, *El Retorno de la Gran Teoría en las Ciencias Humanas*, trad. de Consuelo Vazquez de Parga, Alianza Editorial, Madrid, 1988, p. 23.

³³ George Steiner, *Presencias Reales (Hay Algo en lo Que Decimos?)*, trad. de Juan Gabriel Lopez Guix, Ediciones Destino, Barcelona, 1991, p. 145.

modernidade visa instituir um “novo paradigma”, em substituição à da modernidade. Critica algumas categorias nucleares do paradigma da modernidade, combatendo o que seria a sua perspectiva pre-estabelecida, a sua busca de articulações significativas, o seu caráter abrangente ou globalizante, compreendendo a busca de esclarecimentos e as hipóteses de emancipação. Simultaneamente, institui as suas categorias nucleares de descontinuidade, fragmentação, diferença, épistémè, bricolagem, desconstrução, lógos, discurso e outras. Parece levar as possibilidades da razão crítica a limites desconhecidos, ao paroxismo, com o empenho deliberado de demonstrar o esgotamento dessa mesa razão crítica. Enquanto isso, a “realidade” que se nega, menospreza ou desconhece, parece organizar-se cada vez mais nos moldes da razão instrumental. No mesmo clima em que o pensamento da pós-modernidade repudia a historicidade embutida na modernidade, sofisticase a teoria e a prática da organização sistêmica da sociedade, enquanto visão a histórica do mundo.

Aqui, novamente, cabe reconhecer que uma parte importante do contraponto modernidade e pós-modernidade diz respeito à linguagem, compreendendo pensamento e linguagem, ou melhor, compreendendo, pensamento, linguagem e realidade, em suas múltiplas articulações. Talvez seja por isso que modernidade e pós-modernidade tanto parecem polarizar-se como mesclar-se; simultaneamente distinguem-se e fundem-se. Seriam estilos de pensamentos e narração distintos, mas reciprocamente referidos, determinados, nos quais se expressam as inquietações de uns e outros, em todo o mundo, no sentido de taquigrafar, codificar, esclarecer, compreender, explicar, imaginar ou mitificar o que há de complexo, contraditório, opaco ou infinito na realidade, nebulosa misteriosa.

Talvez se possa afirmar, em outra entonação, que toda narrativa, seja ela da modernidade ou pós-modernidade, busca a possibilidade de tornar-se não só metanarrativa, mas apresentar-se também como o primeiro e único livro, primordial e seminal, a partir do qual todos os outros, presentes, futuros e passados, deveriam ser vistos apenas como adendos, prólogos, episódios, comentários, fragmentos.

5. LÍNGUA E VISÃO DO MUNDO

Vista em suas configurações sucessivas e simultânea, no âmbito das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, ou das configurações histórico-sociais de vida, trabalho e cultura, a língua com frequência adquire contornos e movimentos de visão de mundo. Sua gramática e seu vocabulário, bem como as suas regras de sintaxe e semântica, envolvendo cânones de narrativas literárias, científicas e filosóficas, sem esquecer as distinções entre o erudito e o popular, o jurídico e o jornalístico, o parlamentar e o demagógico, todos esses são parâmetros pelos quais se estabelece dada postura em face da realidade social, em seus diferentes aspectos. O conjunto dos signos, símbolos e emblemas, bem como das figuras e figurações de linguagem, que se encontram mais ou menos codificados e aceitos, tudo isso tende a adquirir os contornos de uma concepção da realidade, um modo de perceber ou imaginar a sociedade. Sem esquecer que a visão de mundo delineada na língua não é isenta de tensões, hiatos ou contradições, já que leva consigo algo ou muito do jogo das forças sociais, compreendendo disparidades e desigualdades. Em geral, a visão de mundo predominante em dada língua e em dada época pouco expressa do que se pode considerar a perspectiva de grupos sociais e classes sociais subalternos. Os subalternos, para se manifestarem e revelarem as suas visões alternativas ou não, precisam apropriar-se não só das formas mas também dos segredos da linguagem dominante.

“A linguagem deveria ser tratada como uma concepção do mundo como a expressão de uma concepção do mundo. O aperfeiçoamento técnico da expressão, seja quantitativo (aquisição de novos meios de expressão) seja qualitativo (aquisição dos matizes

de significado e de uma ordem sintática e estilística mais complexa) significa uma ampliação e um aprofundamento das concepções do mundo e da sua história”.³⁴

Quando vista principalmente em suas articulações estabelecidas, em seus cânones mais ou menos oficializados, a língua parece uma cartografia, portulano, mapa ou, mais propriamente, atlas. Aí tudo parece situado, organizado e articulado, conforme uma concepção funcional, orgânica ou sistêmica. É o que se registra no dicionário, na gramática, na antologia e em outros livros destinados a transmitir códigos e cânones de geração a geração, de uns a outros setores sociais. Esse atlas no qual situam-se as coisas, as gentes e as idéias, o céu e a terra, Deus e o diabo, o dominante e o subalterno, o presente, o passado e o futuro, o permitido e o proibido, o dito e a desdita.

“Mas tudo que vejo nas ruas da cidade já ocupa um lugar no modelo da informação homogeneizada. Este mundo que vejo, este que costumamos reconhecer como o mundo, se apresenta a meus olhos – pelo menos em grande parte – já definido, rotulado, catalogado. É um mundo já conquistado, colonizado por palavras, um mundo com uma pesada crosta de discurso. Os fatos de nossas vidas já estão classificados, julgados, comentados, antes mesmo de ocorrerem. Vivemos num mundo onde tudo já foi lido, antes mesmo de existir”.³⁵

Antonio Gramsci, *La Formazione Dell'Uomo*, organizado por Giovanni Urbani, Editori Riuniti, Roma, 1974, p. 515. Citação de “Lingua Letteraria e Dialetti in Italia”.

Italo Calvino, “A Palavra Escrita e a Não-Escrita”, em: Marieta de Moraes Ferreira e Janaina Amado (Organizadoras), *Usos e Abusos da História Oral*, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 1996, pp. 139-147; citação da p. 143.

Não se trata, no entanto, de uma visão de mundo uniforme, único. Além das harmonias, há diversidade, tensões e estridências. Na mesma medida que a língua é um componente constitutivo das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, compondo configurações histórico-sociais de vida, trabalho e cultura, ela se revela constituída e constituinte das harmonias e desarmonias que conformam e transforma a sociedade.

“Cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discursos na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social, correspondente um grupo de temas. Entre as formas de comunicação (por exemplo, relações entre colaboradores num contexto puramente técnico), a forma de enunciação (“respostas curtas” na “linguagem de negócio”) e tema, existe uma unidade orgânica que nada poderia destruir. *Eis porque a classificação das formas de enunciação deve apoiar-se sobre uma classificação das formas da comunicação verbal.* Estas últimas são inteiramente determinadas pelas relações de produção e pela estrutura sócio-política... Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual *a formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece.* Uma modificação destas formas ocasiona uma modificação do signo”.³⁶

³⁶ Mikhail Bakhtin (Volochínov), *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, 2ª. Edição, Editora Hucitec, São Paulo, 1987, pp. 43-44. Frases sublinhadas conforme o original.

Cabe lembrar que linguagem é pensamento. Ambos se formam, conformam e transformam simultânea e reciprocamente. Enquanto produto e condição do pensamento, a linguagem expressa a multiplicidade das relações, processo e estruturas que constituem a organização e a dinâmica da vida social, em todas as suas manifestações. Tudo o que diz respeito à sociedade. Está envolto e impregnado de cultura; sendo que a linguagem enquanto componente essencial da cultura, taquigrafa, expressa, compreende, explica, exorciza ou sublima o turbilhão histórico-social em que estão imersos indivíduos e coletividades, grupos e classes sociais, nações e nacionalidades.

“A relação entre o pensamento e a palavra não é uma coisa mas um processo, um movimento contínuo de vai-vem entre a palavra e o pensamento; nesse processo a relação entre o pensamento e a palavra sofre alterações que, também elas, podem ser consideradas como um desenvolvimento no sentido funcional. As palavras não se limitam a exprimir o pensamento: é por elas que este acede à existência... O pensamento e a palavra não são talhados no mesmo modelo: em certo sentido há mais diferenças do que semelhanças entre eles. A estrutura da linguagem não se limita a refletir como num espelho a estrutura do pensamento; é por isso que não se pode vestir o pensamento com palavras, como se de um ornamento se tratasse. O pensamento sofre muitas alterações ao transformar-se em fala. Não se limita a encontrar expressão na fala; encontra nela a sua realidade e a sua forma”.³⁷

São muitas as situações nas quais o pensamento precisa recriar ou romper as palavras guardadas no dicionário. Também são muitas as

³⁷ Lev Semnovich Vygotsky, *Pensamento e Linguagem*, trad. de M. Resende, Edições Antidoto, Lisboa, 1979, pp. 165-166.

gua principal ou língua franca; de permeio com diferentes modulações desse idioma, em Ásia, África, Américas e Europas. São modulações criadas e desenvolvidas com a transculturação em curso, quando também se modulam em novas entonações as outras, muitas e diferentes línguas.⁴²

Subsistem as línguas nacionais. Inclusive elas se recriam, fortalecem ou mesmo expandem. Sem esquecer que subsistem e reafirmam outras línguas mundiais, ainda que de alcance menor que o inglês. Além disso, os diversos setores da sociedade, em âmbito nacional e mundial, apropriam-se diferencialmente das línguas mundiais, principalmente do inglês. Utilizam-se dessa língua para conhecer os outros a si próprios, em termos de convergências e antagonismos, identidades e alteridades, diversidades e desigualdades, tensões e contradições. Seja nacional ou mundial, a língua pode ser uma “técnica” tanto de integração e acomodação como de dominação e alienação; mas também de protesto e revolução.

“Sim, há palavras e palavras e palavras. As palavras podem exprimir servidão, as palavras podem gritar também revolta. Há palavras que implicam obediência mas também há palavras de protesto. Algumas palavras servem o conformismo, outras exprimem ressentimento. Algumas palavras são utilizadas pelos fracos e pelos obedientes, outras por almas que se respeitam e são rebeldes”.⁴³

⁴² Alastair Pennycook, *The Cultural Politics of English as an International Language*, Longman, Londres, 1994; Robert Phillipson, *Linguistic Imperialism*, Oxford University Press, Oxford, 1992; Claude Truchot, *L'Anglais dans le Monde Contemporain*, Le Robert, Paris, 1990.

⁴³ Taslima Nasreen, “O Opressor e os Oprimidos”, Chris Miller (Coord.), *A Palavra Dissidente*, Difel, Miraflores, 1996, pp. 135-153; citação da p. 145.

Ocorre que é no âmbito da língua que se articulam significativamente as formas e as possibilidades da consciência. As mais diversas expressões da consciência de indivíduos e coletividades, grupos e classes sociais, nações e nacionalidades, compreendendo identidades, alteridades, diversidades, desigualdades, tensões, acomodações e contradições de gênero, etnias, religiões e outras, sempre se constituem na linguagem. Tanto é assim que a linguagem de uns e outros, em âmbito nacional e mundial, distinguem-se por alguns signos, símbolos e emblemas, ou figuras e figurações, a despeito de que todos possam estar utilizando a mesma língua. Essa surpreendente e fundamental dialética das consciências já se tornava evidente nos primeiros momentos dos tempos modernos, quando Caliban diz a Próspero: “Você me ensinou a sua língua e a minha vantagem é que agora sei como amaldiçoar”.⁴⁴

Sob muitos aspectos, a linguagem é sempre essencial, para o esclarecimento e o encantamento. Ao mesmo tempo que taquígrafa a realidade e o imaginário, entrando decisivamente na constituição de ambos, propicia a compreensão, a explicação, o exorcismo e a sublimação. Aí nascem as teorias e as fantasias, povoando narrativas de todos os tipos, em diferentes épocas, em distintas culturas e civilizações.

São muitas as narrativas literárias, filosóficas e de ciências sociais nas quais se expressam visões de mundo mais ou menos nítidas. Algumas são bastante originais, ao passo que há as que dialogam aberta ou implicitamente com outras, próximas e distantes.

⁴⁴ William Shkakespeare, *A Tempestade* (Edição Bilingue), Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1991, p. 46, do original em inglês.

Inclusive há narrativas que se situam claramente em determinada linhagem, dando continuidade, retomando ou inovando, na direção que já se havia instituído anteriormente. Mas cabe ressaltar as narrativas que são fundadoras, inaugurando uma visão de mundo nova, realmente desconhecida e surpreendente.

“Toda grande obra literária ou artística é expressão de uma visão do mundo, um fenômeno de consciência coletiva que alcança o seu máximo de clareza conceitual ou sensível na consciência do pensador ou do poeta”.⁴⁵

“O fato é que cada escritor *cria* seus precursores. Seu labor modifica nossa concepção do passado, como há de modificar a do futuro”.⁴⁶

São muitas as utopias imaginadas ou recriadas em todo o mundo, desde os inícios dos tempos modernos. Algumas são únicas e límpidas, ao passo que outras combinam-se com nostalgias. E há mesmo as que se inclinam para a escatologia. São muitas as expressões utilizadas em narrativas literárias, científicas e filosóficas nas quais ressoam fabulações sobre o presente, o passado e o futuro: Novo Mundo, Índias Orientais, Índias Ocidentais, Progresso, Evolução, Modernização, Revolução, Ocidentalismo, Orientalismo, Capitalismo, Comu-

⁴⁵ Lucien Goldmann, *Dialética e Cultura*, trad. de Luiz Fernando Cardoso, Carlos Nelson Coutinho e Gisele Vianna Konder, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1967, p. 21. Consultar também: Wilhelm Dilthey, *Teoria das Concepções do Mundo*, trad. de Artur Morão, Edições 70, Lisboa, 1992; Karl Mannheim, *Essays on the Sociology of Knowledge*, Routledge & Kegan Paul, Londres, 1952, cap. II: “On the Interpretation of Weltanschauung”.

⁴⁶ Jorge Luis Borges, *Otras Inquisiciones*, Emecé Editores, Buenos Aires, 1960, p. 148; citação de “Kafka y sus Precursores”.

nismo. Sintetizam reflexões, interpretações e fabulações sobre a realidade e o devir. São narrativas de todos os tipos, nas quais sempre se encontra a conotação utópica, se não simultaneamente nostálgica. Sim, porque a utopia tende a exorcizar o presente, quando não o sataniza, seja recriando um passado idealizado, seja imaginando um futuro transparente.

Desde que se iniciaram os tempos modernos, quando se acentua e generaliza a convicção e a ilusão da historicidade das formas de sociabilidade, dos jogos das forças sociais ou das configurações histórico-sociais de vida, trabalho e cultura, desde essa época criam-se e recriam-se utopias narradas em narradas em linguagens da modernidade e da pós-modernidade. Parecem secularizadas, racionais ou mesmo científicas: liberdade, igualdade, fraternidade; governo do povo, pelo povo para o povo; democracia, cidadania, soberania, hegemonia; aldeia global, mundo sem fronteiras, sociedade informática, era digital, terra-pátria, fim da história. São figuras e figurações mágicas, por meio das quais se busca metaforicamente o reencantamento do mundo.

Este continua a ser o grande dilema atravessando os tempos modernos: sair da incerteza, insegurança, pauperismo, alienação, medo, guerra, destruição, barbárie. A despeito das invenções da ciências e técnica, da filosofia e arte, das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, passando por democracia e tirania, nazifascismo e socialdemocracia, ou capitalismo e comunismo, reiteram-se as dissonâncias entre as palavras e as coisas, o pensamento e o pensado, o ser e o devir. Contínua e reiteradamente, o mundo parece recriar o caos babélico, ou naufragar na nebulosa primordial e seminal.

“Em que língua o livro do mundo está escrito? Na opinião de Galileu, na língua da matemática e da geometria, a língua da racionalidade e da exatidão absoluta. É assim que deve ler o mundo atual? Quem sabe, talvez sim, mas somente no caso do muito distante: galáxias, quasares, supernovas. Quando ao nosso mundo cotidiano, parece estar escrito mais num mosaico de línguas, como uma parede coberta de grafites, cheia de rabisco sobrepostos, como um palimpsesto cujo pergaminho foi raspado e reescrito várias vezes, como uma colagem de Schwitters, uma combinação de alfabetos, citações heterogêneas, gírias e impressos computador”.⁴⁷

Mais uma vez, a língua reaparece como salvação. Desde que se dê nome ao caos, ou à nebulosa, tem-se a impressão de que se dá o primeiro passo para o esclarecimento, a compreensão, a explicação, a emancipação ou redenção.

“Só pela sensação gloriosa da criação linguística pode o Mundo sair do caos”.⁴⁸

A mesma língua que mimetiza e evade, taquigrafa e embaralha, exorciza e sublima, essa mesma língua pode participar da reinvenção do real e do imaginário, do possível e do impossível.

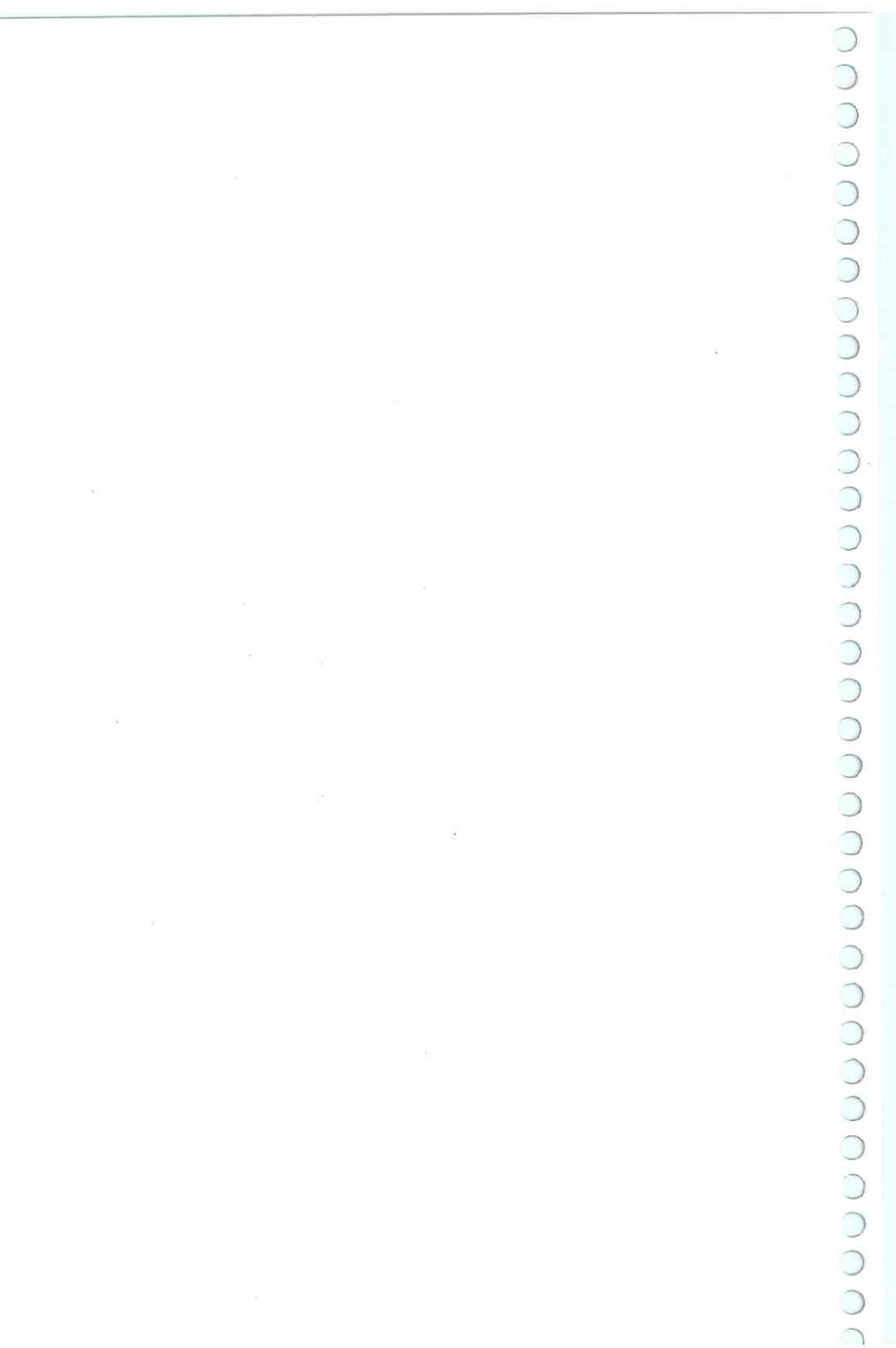
⁴⁷ Italo Calvino, “A Palavra Escrita e a Não-Escrita”, em: Marieta de Moraes Ferreira e Janaina Amado (Organizadoras), *Usos & Abusos da História Oral*, citado, 145.

⁴⁸ Karl Kraus, “Pro Domo et Mundo”, citado por Allan Janik e Steohen Toulmin, *Viena de Wittgenstein*, trad. e Alvaro Cabral, Editora Campus, Rio de Janeiro, 1991, p.67.

Se é verdade que aquele que nomeia simultaneamente delimita, classifica e domina, é também verdade que pode⁴⁹ desnomear, alterar, transfigurar ou revolucionar o nome e a nomeada, a palavra e a coisa, o dito e a desdita.

“A linguagem é o arsenal da mente humana; e contém ao mesmo tempo os troféus do seu passado e as armas das suas futuras conquistas.”

⁴⁹ Samuel Taylor Coleridge, “Biographia Literaria”, cap. 16 em *Selected Poetry and Prose of Coleridge*, ed. Donald A. Stauffer, Random House, Nova York, 1951, pp. 16-7. Citado por Edward W. Said, *Orientalismo* (O Oriente como Invenção do Ocidente), trad. De Tomás Rosa Bueno, Companhia das Letras, São Paulo, 1990, p. 145.



NOME (Name): _____

ENDEREÇO (Address): _____

RECEBEMOS: _____

We have received: _____

ALTA-NOS: _____

We are lacking: _____

ENVIAMOS EM PERMUTA: _____

We are sending in exchange: _____

DATA: _____

Date: _____

ASSINATURA: _____

**A NÃO DEVOLUÇÃO DESTE IMPLICARÁ NA
SUSPENSÃO DA REMESSA**

Non-acknowledgement of receipt will indicate that further
publications are not wanted.

À
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
SETOR DE PUBLICAÇÕES
Cidade Universitária "Zeferino Vaz"
Caixa Postal 6.110
13083-970 - Campinas - São Paulo - Brasil

Tel.: (019) 788.1603 / 788.1604
Telefax (019) 788.1589